COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

Mais alguns trovadores do período afonsino

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Mais alguns trovadores do período afonsino", *Colóquio/Letras*, n.º 166/167, Jan. 2004, p. 277-282.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

46

MAIS ALGUNS TROVADORES DO PERÍODO AFONSINO

COM a emissão de hoje — que é uma espécie de aditamento à da semana passada —, terminaremos a referência aos trovadores do período afonsino. (E, quando dizemos «período afonsino», já se sabe, com certeza, aquilo a que nos estamos a referir; mas não custa nada lembrá-lo de novo: é aquele período abrangido pelos reinados de Afonso III, de Portugal, e de Afonso X, rei de Castela e de Leão; isto é — números redondos —, entre 1250 e 1285...) Quanto ao relativo desenvolvimento que temos dado a este período, a razão é bem simples: como por várias vezes afirmámos que ele era o mais rico de toda a nossa poesia trovadoresca, era preciso *prová-lo*... Ora, do mesmo modo que a marcha se *prova* marchando, a riqueza de um determinado período poético só se pode *provar*, apresentando... um suficiente número de *provas*. As «provas», neste caso, são poemas (ou melhor: são cantigas...) — e há justamente que apresentar, pelo menos, algumas das que sejam mais belas; e nem sempre as mais belas são as mais divulgadas...

Mas tratemos, já agora, de recapitular, muito rapidamente, o que fizemos, por enquanto, neste domínio da poesia medieval galego-portuguesa. De poetas do período pré-afonsino (ou de poetas de difícil ou impossível situação cronológica), apresentámos textos de Pai Soares de Taveirós, Pero Velho de Taveirós, Dom Gil Sanches, Osoir' Eanes, Airas Nunes, Nuno Fernandes Torneol, Vidal e Mendinho. Ao todo, oito — como se está a ver. Depois, do período afonsino, apresentámos composições do próprio rei Afonso X, de João Garcia de Guilhade, de Bernaldo de Bonaval, de Pero da Ponte, de Diogo Pezelho, de Gil Peres Conde e de Rui Pais de Ribela. Sete, por conseguinte, na totalidade. Bem mal provaríamos, portanto, a riqueza — a afirmada riqueza — deste segundo período, se dele nos limitássemos a apresentar, no fim de contas, *ainda menos um* do que o número dos poetas respeitantes ao período anterior... mas o certo é que vamos apresentar hoje mais *cinco poetas* do período afonsino. São eles: Julião Bolseiro, Fernão Velho, Pero Garcia Burgalês, João Airas e Paio Gomes Charinho. Sobe, deste modo, para doze o número dos poetas do período afonsino — e para vinte o número total dos trovadores dos dois períodos. Trata-se já, segundo creio, de um lote suficientemente representativo, de uma *amostragem* (como hoje se diz) devidamente ilustrativa das principais tendências, dos temas mais frequentes, das formas e dos géneros habitualmente mais utilizados.

Pela numerosa correspondência recebida nos últimos tempos (e aproveito a ocasião para pedir desculpa de *não poder*, de modo algum, responder à maior parte dela), tenho concluído que justamente esta fase do nosso programa tem encontrado, de maneira geral, um acolhimento ainda mais caloroso do que as fases precedentes. Mas receio, apesar de tudo, que mesmo os mais entusiastas a breve trecho se sintam descorçoados com a perspectiva de nos irmos alongar demasiadamente dentro deste capítulo. Alguns, porventura, estarão já a fazer as suas contas: se apresentamos vinte poetas dos períodos pré-afonsino e afonsino, quantos mais nos reservarão ainda os períodos dionisíaco e pós-dionisíaco?... Pois bem: nada de alarmes prematuros. Como as principais tendências, os temas mais frequentes, as formas e os géneros mais utilizados já ficarão inventariados suficientemente através dos tais vinte nomes, e como, nos períodos dionisíaco e pós-dionisíaco, se assiste sobretudo à progressiva exaustão de tais tendências, ao gradual esgotamento de tais temas, de tais formas, de tais géneros — apenas escolheremos um único poeta do período dionisíaco (justamente aquele que lhe dá o nome: o rei Dom Dinis) e apenas aludiremos a dois ou três nomes do último período... Assim, na *pior* das hipóteses, limitaremos a nossa *amostragem* do lirismo galego-português tão-só a vinte e quatro poetas (e a maior parte deles representado apenas por uma composição) — o que, sem dúvida, não será excessivo, se nos lembrarmos que figuram, nos nossos Cancioneiros, além de muitos textos anónimos, os nomes de mais de 160 poetas. Não chegaremos, por consequência, a referir-nos — sequer a quinze por cento de tais autores!

E, posto isto, entremos na apresentação dos cinco trovadores de quem hoje nos vamos ocupar. Comecemos por Julião (ou Julião Bolseiro), que era jogral, porventura galego, e que frequentou, segundo parece, tanto a corte do nosso D. Afonso III como a corte do rei de Castela e Leão, Afonso X, o Sábio. Dele seleccionámos (em versão moderna de Natália Correia, tal como vai acontecer com as restantes composições que apresentaremos) uma admirável cantiga de amigo (que é o género, aliás, em que ele se mostra mais exímio). Nesta, que vamos ouvir, o tema da insónia, provocada pela ausência do amado, atinge um ponto de extrema tensão emocional e a nostalgia da intimidade perdida — que ela também evoca — reveste-se de uma perturbante flagrância sensorial, que está longe de ser moeda corrente nas composições dos nossos Cancioneiros... Ouçamo-la:

Sem o meu amigo sinto-me sozinha
e não adormecem estes olhos meus.
Tanto quanto posso peço a luz a Deus
e Deus não permite que a luz seja minha.
Mas se eu ficasse com o meu amigo
a luz agora estaria comigo.

Quando eu a seu lado folgava e dormia
depressa passavam as noites; agora
vai e vem a noite, a manhã demora;
demora-se a luz e não nasce o dia.
Mas se eu ficasse com o meu amigo
a luz agora estaria comigo.

Diferente é a noite quando me aparece
meu lume e senhor e o dia me traz;
pois apenas chega logo a luz se faz.
Vai-se agora a noite, vem de novo e cresce.
Mas se eu ficasse com o meu amigo
a luz agora estaria comigo.

Padres-nossos já rezei mais de um cento
implorando Àquele que morreu na cruz
que cedo me mostre novamente a luz
em vez destas longas noites de Advento.
Mas se eu ficasse com o meu amigo
a luz agora estaria comigo.

Pode servir-nos, já agora, como «resposta» imaginária a esta cantiga de amigo de Julião Bolseiro uma curiosa cantiga de amor de Fernão Velho (este, sem dúvida, português dos quatro costados — o seu nome figura nos Livros de Linhagens —, embora em certa altura, cerca de 1262, tenha trocado a corte de Afonso III pela do Rei-Sábio). E aqui temos a sua referida cantiga de amor:

Quanto, senhora, de vós receei,
dizem-me agora que mo ides dar.
Apenas senti que vos ia amar,
ai Nosso Senhor, como eu receei
que vos casassem; mas se assim for,
senhora, senhora, morrerei de amor.

Sempre vos amei cheio de pavor,
desde que vos vi, quando vos falei;
depois que este amor vos desocultei
nunca mais deixei de sentir pavor
que vos casassem; mas se assim for,
senhora, senhora, morrerei de amor.

Sempre vos amei tremendo de medo.
Dizem-me agora que tinha razão.

Apenas perdido que fui de paixão,
ai Nosso Senhor, como eu tive medo
que vos casassem; mas se assim for,
senhora, senhora, morrerei de amor.

O que há, sem dúvida, de mais original nesta cantiga é o verdadeiro pânico, que o poeta nela exprime, de ver a sua amada casada com outrem — pelo que se prova que é a uma solteira que ele se dirige... Mas o menos original é aquela sua «ameaça» de «morrer de amor»... Inúmeros são, com efeito, os poetas que por essa altura proferem idênticas «ameaças». E mais ainda: inúmeros são também os que vão ao ponto de afirmar que *morrem* mesmo. Neste caso se encontra, por exemplo, o trovador Rui Queimado — o qual tanto *morria* (nos versos) que foi tomado por esse motivo, como «alvo» de uma saborosa cantiga de escárnio de Pero Garcia Burgalês (natural de Burgos, como o sobrenome sugere) e que é um dos mais curiosos exemplos de reacção do lirismo peninsular a certas «convenções» de importação provençal, que se tinham tornado fórmulas estereotipadas, autênticos *clichés* em suma:

Foi Rui Queimado morrer de amor
em seus cantares, ao que dizia,
por uma dama e porque queria
mostrar engenho de trovador.
Como ela lhe não quis valer,
fez-se ele em seus cantares morrer,
mas ressurgiu ao terceiro dia.

Demonstrar quis o seu fervor
por uma dama, mas eu diria:
preocupado com a mestria
de seus cantares, tem o pendor
de, embora morto, lograr viver.
Isto só ele pode fazer
porque outro homem não o faria.

E já da morte não tem pavor,
senão mil vezes a temeria.
Próprio é da sua sabedoria
viver enquanto morto for.
Em seus cantares pode morrer,
estando vivo. Maior poder
obter de Deus não poderia.

Desse-me Deus igual poder
de, embora morto, poder viver,
e nunca a morte me assustaria.

Já tivemos hoje ocasião de recapitular — através de três poetas — um exemplo de cantiga de amigo, outro de cantiga de amor, outro finalmente de cantiga de escárnio... Vejamos agora um outro género (e é a primeira vez que a ele fazemos referência), que, embora considerado por alguns como uma variedade da cantiga de amigo, apresenta no entanto características próprias que indiscutivelmente o singularizam. Trata-se da «pastorela», em que se assiste, quase sempre, a um esboço de diálogo entre um cavaleiro e uma pastora, em que o cavaleiro procura seduzir a pastora e em que, na maior parte das vezes, não consegue os seus intentos... Isto é o que se verifica na seguinte pastorela de João Airas (natural de Santiago), onde como que se anuncia o «clima» de certas éclogas de Bernardim:

Pelo souto do Crescente
uma pastora vi andar,
muito afastada das gentes,
erguendo a voz a cantar,
em sua saia cingida,
quando a luz do sol nascia
nas margens do rio Sar.

E as aves que voavam
quando rompia o alvor,
os seus amores entoavam
pelos ramos de arredor.
Não sei de quem lá estivesse
que o pensamento pusesse
senão em coisas de amor.

Ali estive muito quedo,
quis falar e não ousei;
disse-lhe, por fim, a medo:
«Senhora, falar-vos-ei,
se me quiserdes ouvir,
e se melhor vos servir,
ordenai e eu partirei.»

A esta envolvente e habilidosa proposta — embora delicada — eis como responde a pastora, com não menor habilidade:

«Senhor, por Santa Maria,
ide-vos, deixai-me só.
Ver-vos partir preferia
deste lugar onde estou;
pois quantos aqui chegarem,
dirão, se nos encontrarem,
mais do que aqui se passou.»

E, finalmente, outra cantiga de amigo, com que terminaremos o programa de hoje. É seu autor Pai Gomes Charinho, galego também, que foi Almirante — Almirante do Mar, como então se dizia — no tempo de Afonso X; e nesta composição celebra ele, através da amada, a ocasião em que deixou de exercer esse cargo, que certamente o expunha a constantes perigos:

Disseram-me hoje, amiga, que já não
é meu amigo almirante do mar.
Porque posso dormir e sossegar
e já pode folgar meu coração,
quem do mar o meu amigo tirou,
tire-o Deus das mágoas que amargou.

Muito me alegro e doravante sei
que a ventania não mais hei-de temer
nem a tormenta me fará perder
o sono, amiga; e se foi el-Rei
quem do mar o meu amigo tirou,
tire-o Deus das mágoas que amargou.

Muito me alegro! e mais me hei-de alegrar:
sempre que da fronteira alguém vier
não temerei as novas que trouxer.
Porque me fez feliz sem lho rogar,
quem do mar o meu amigo tirou,
tire-o Deus das mágoas que amargou.